

# VIRGINIE GRIMALDI

*Tempo de  
reacender  
estrelas*



Tempo de  
reacender  
estrelas

VIRGINIE  
GRIMALDI



*Tempo de  
reacender  
estrelas*

TRADUÇÃO: Julia da Rosa Simões

 GUTENBERG

Copyright © 2018 Librairie Arthème Fayard

Título original: *Il est grand temps de rallumer les étoiles*

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

EDITORA RESPONSÁVEL

*Flavia Lago*

REVISÃO *Fernanda Simões Lopes*

*Júlia Sousa*

CAPA *Diogo Droschi (sobre imagem de Shutterstock)*

DIAGRAMAÇÃO *Guilherme Fagundes*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil**

Grimaldi, Virginie

Tempo de reacender estrelas / Virginie Grimaldi ; tradução Julia da Rosa Simões. -- 1. ed. -- São Paulo : Gutenberg, 2020.

Título original: *Il est grand temps de rallumer les étoiles*

ISBN 978-65-86553-29-1

1. Ficção francesa I. Título.

20-43380

CDD-843

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura francesa 843

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

**A GUTENBERG É UMA EDITORA DO GRUPO AUTÊNTICA**

**São Paulo**

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I 23º andar . Conj. 2310-2312. Cerqueira César . 01311-940

São Paulo . SP

Tel.: (55 11) 3034 4468

[www.editoragutenberg.com.br](http://www.editoragutenberg.com.br)

**Belo Horizonte**

Rua Carlos Turner, 420 Silveira . 31140-520 Belo Horizonte . MG

Tel.: (55 31) 3465 4500

“Ela tinha olhos em que era tão bom viver que eu nunca mais soube  
para onde ir depois.”

Romain Gary, *La Promesse de l'aube*

“Filhos de mães ainda vivas, não esqueçam que suas mães são  
mortais. Não terei escrito em vão se um de vocês, depois de ler meu  
canto de morte, for mais doce com sua mãe. Amem suas mães mais  
do que eu soube amar a minha. Que a cada dia vocês lhes  
proporcionem uma alegria, é o que aconselho a partir do meu  
arrependimento, gravemente do alto do meu luto.”

Albert Cohen, *Le Livre de ma mère*



*Para minha mãe*



# Anna

— ANNA, passe aqui quando acabar! Preciso falar com você.

Amarro o avental na cintura e dou uma última verificada nas mesas antes da chegada dos primeiros clientes. Sei o que Tony quer comigo, entreouvi uma conversa sua ontem. Estava na hora.

Faz três meses que o Auberge Blanche chegou ao primeiro lugar da lista dos melhores restaurantes de Toulouse. Já trabalhávamos bastante, agora estamos sempre lotados. Mal tenho tempo de limpar uma mesa que ela já é ocupada. Sou a única garçonete da casa, Tony só consegue me ajudar quando não tem mais nada para fazer.

Segunda-feira passada, levando um *crème brûlée* para a mesa 6, meus ouvidos zumbiram, meus olhos se turvaram e minhas pernas fraquejaram. A sobremesa foi parar na cabeça do cliente e eu, no escritório do patrão.

Ele gritou comigo, como sempre, o que queria dizer que estava preocupado. Um dia ele me confidenciou que era *situs inversus*: tinha o coração no lado direito e o fígado no esquerdo. Claramente, também se comunicava de maneira invertida.

— Que merda foi essa, Anna?

— A merda de um mal-estar.

— Mas por que foi fazer isso?

— Para animar um pouco as coisas... que pergunta! A noite estava tão parada, não?

Com um longo suspiro, ele deixou a raiva para trás e passou para a fase da empatia.

— Hã... e tudo bem?

— Estou melhor, vou voltar ao trabalho.



— Pode deixar, eu assumo o resto da noite. Mas esteja aqui amanhã, ok?

— Já faltei alguma vez?

Ele sorriu. Aproveitei.

— Cansei, Tony. Estou chegando aos 40, não aguento mais esse ritmo. Seria ótimo se você contratasse mais alguém.

— Eu sei, eu sei, você já me disse isso. Vou ver o que posso fazer.

Ele pegou o telefone e ligou para a amante, Estelle, para dizer que gostaria de estar com ela. Entendi que nossa conversa havia chegado ao fim.

Meu vizinho Paul me aconselhou a sair do restaurante. Ele herdou a tabacaria do pai e claramente acredita que os empregos vêm das cegonhas, que mudaram de ramo quando o mercado de bebês foi invadido pelos repolhos e pelos botões de rosas.

A verdade é que não sei fazer outra coisa. Estudei, sou técnica em contabilidade e gestão, mas descobri que estava grávida no último dia das provas finais. Mathias ganhava bem, então decidimos que eu cuidaria de Chloé. Três anos depois, quando ela foi para a creche, candidatei-me a dezenas de vagas nas áreas contábil e administrativa. Consegui uma única entrevista, durante a qual entendi que acumulava defeitos: não tinha experiência alguma, havia feito uma pausa de três anos para brincar de casinha e tinha a cara de pau de responder “não” à pergunta “tem alguém para cuidar de sua filha em caso de emergência?”. Não podia competir com os inúmeros candidatos aguerridos e ultraqualificados que não colocavam suas prioridades no fruto de seus úteros.

Então aceitei a oferta de Tony, um amigo de Mathias que era dono de um restaurante. Durante os sete primeiros anos, trabalhei somente no turno do almoço, o que me permitia ficar com minhas filhas. Até que não tive escolha e precisei acrescentar o turno da noite.

Desço a porta do restaurante e ouço Tony chamando do escritório. Vou até lá e sento de frente para ele.

— Você sabe que gosto de você, Anna.

*Situs inversus*. Começamos mal.

— Está trabalhando comigo há quanto tempo, dez anos?

— Catorze.

— Catorze, o tempo voa! Ainda me lembro de sua entrevista, você estava toda...

— Vamos direto ao ponto, Tony.

Ele massageia as têmporas com a ponta dos dedos e suspira.

— Estelle perdeu o emprego, quero contratá-la.

— Ah! Que alívio, pensei que ouviria alguma notícia ruim! Confesso que não sei se é uma boa ideia em relação à sua mulher, mas isso é um problema seu. Ela começa quando?

Ele balança a cabeça.

— Quero contratá-la *no seu lugar*, Anna.

A informação leva vários segundos para encontrar o caminho até meu cérebro.

— Como assim, no meu lugar? Você não pode fazer isso!

— Eu sei, não tenho motivo algum para dispensá-la, embora, procurando bem, a gente sempre encontre. Mas não vou fazer isso, você não merece. Tenho uma proposta: podemos nos separar amigavelmente, assinamos um acordo e você recebe um pequeno envelope de agradecimento.

Não sei quanto tempo fiquei sem reação. O suficiente para pensar em todas as contas que já não consigo pagar. O suficiente para imaginar a geladeira ainda mais vazia. O suficiente para entender que as ligações de cobrança dos oficiais de justiça vão aumentar. O suficiente para visualizar a cara das minhas filhas quando eu anunciar que a mãe delas está desempregada.

— Então, o que me diz?

Empurro a cadeira para trás e me levanto.

— Vá se ferrar, Tony.



## AS CRÔNICAS DE

# Chloé

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a todos pelos comentários. Há um ano, quando comecei esse blog, não imaginei que vocês seriam tantos a ler os pensamentos de uma adolescente insegura de 17 anos. Obrigada. <3

Chloé

## M

**AJUSTEI** o gorro e dei uma última olhada no espelho. Perfeito. Protegida pela base e pelo batom, estava pronta para encarar o dia.

Coloquei os fones de ouvido e desci correndo os três andares do prédio. No térreo, a porta continuava quebrada e o vento frio encanava pela escadaria. Se ao menos soprasse para longe o cheiro de mijo...

Lily já estava no ponto de ônibus e acenou para mim. Ignorei-a e segui em frente. Mais uma manhã em que não pegaria o ônibus com ela.

Colégio para quê? Meu futuro já está decidido. Em três meses, passo com louvor no exame final do ensino médio e me inscrevo na faculdade de letras. E nunca vou colocar os pés lá dentro.

No pior dos casos, estudar custa caro; ou melhor, não compensa.

Ontem de manhã, minha mãe recebeu outra carta registrada. Ela a escondeu no guarda-roupa, embaixo das calças, junto com todas

as outras, mas não sou boba. Além do emprego no restaurante, ela passa roupa para os vizinhos. Não posso continuar vivendo às custas dela. Ano que vem, começo a trabalhar.

Atravessei o conjunto habitacional, que ganhava vida. Nas manhãs, ele cheirava à esperança. Talvez aquele fosse o dia em que tudo mudasse. Um encontro. Uma ideia. Uma solução. Um novo começo.

Todas as manhãs, escrevo mentalmente meus sonhos a lápis. Todas as noites, eu os apago.

Eu cumprimentava as pessoas que cruzavam meu caminho. Faz cinco anos que moramos aqui, conheço todo mundo. Leila levava Assia e Elias para a escola. A senhora Lopez bebia o café na janela. Ahmed entrava no carro. Nicolas passeava com os dois chihuahuas. Nina corria para não perder o ônibus. Jordan não conseguia fazer sua scooter pegar. Ludmila fumava na entrada do bloco D.

— Estava esperando você — ela disse, abrindo a porta.

Ludmila mora numa quitinete, no sétimo andar. Era minha primeira vez ali. Ela fez um sinal para que me sentasse no sofá-cama.

— Malik jurou que você era de confiança — ela disse, pegando um pacote embaixo da mesa de centro. — É verdade?

— Com certeza.

— De quem você costuma comprar?

— Nunca comprei, é a primeira vez. Fumo dos amigos.

— Ok. Mostre o anel.

Entreguei o anel de ouro, e ela o inspecionou como se entendesse do assunto.

— Vale um dez, tudo bem pra você?

Balancei a cabeça com convicção para esconder que não sabia o que era “um dez”. Ela pegou um pequeno cubo marrom, embalou-o em papel-alumínio e colocou-o na minha mão.

— Se alguém perguntar, diga que Jo vendeu pra você.

Guardei o pacote na mochila, entre os cadernos e livros do colégio, e depois me dirigi para a porta. Estava prestes a fechá-la quando Ludmila lançou:

— Ei, você não é a garota que ganhou o concurso de redação no ano passado?

Fingi que não ouvi e fechei a porta.



# Lily

3 de março

Querido Marcel,

**SÁBADO**, para os meus 12 anos, minha dinda me deu um diário: você. Ela é sempre muito querida, acho que para compensar os dentes de ratazana, mas agora tinha ido longe demais. Para começo de conversa, nunca entendi para que serve um diário, e de todo modo ando cheia de deveres. Além do mais, ela escolheu uma capa rosa cheia de coraçõezinhos. Só faltaram as lantejoulas.

Não tinha planejado usar você, deixei-o na cozinha torcendo para que Anna ou Chloé jogassem você no lixo junto com os folhetos de propaganda, mas acabou de me acontecer uma coisa que preciso muito compartilhar com alguém, e não posso contar para ninguém. Então pintei sua capa com um marcador vermelho, coloquei um cadeado (uma garota prevenida vale mais que duas voando) e encontrei um esconderijo perfeito, mas não vou dizer onde. (Chloé, se estiver lendo isso, pare imediatamente ou vou contar para Anna que você usa os sutiãs dela.)

Aliás, seu nome é Marcel, espero que goste. Porque você é vermelho como o careca do primeiro andar, que se chama Marcel Musson.

Não sei se vou escrever muito em você. Se for como a pomada para acne, vou me lembrar dia sim dia não, mas vou tentar.

Então, lá vai.

Hoje de manhã, fiquei com dor de barriga no ônibus. Não consegui nem acabar o cereal no café da manhã, o que foi estranho, mas pensei que era por causa da prova de inglês, pois não me lembrava de todos os verbos irregulares e estava estressada. Só que depois da prova a dor continuou. Então pensei que deveria ser por causa do jantar de ontem. Eu e Chloé requentamos o ensopado que Anna tinha trazido do restaurante. Estava mais para encharcado, acredite.

Na educação física, jogamos basquete. Fiquei dez minutos gritando para o Théo me passar a bola e ele foi fazer isso bem na hora em que eu estava prendendo os cabelos. Defendi a bola com o nariz, que começou a sangrar, e o professor me tirou da quadra.

Eu estava na lateral, com a cabeça para trás, com papel higiênico nas narinas (ninguém tinha algodão), quando ouvi risadas nas minhas costas. Eram dois garotos e uma garota do nono ano, que estavam sentados nas arquibancadas e me encaravam. O baixinho de cabelos castanhos e cara de cavalo perguntou se eu tinha levado uma bolada no traseiro. Respondi que não, só no nariz. Eles riram e olharam para a minha bunda, e então entendi tudo. Aquilo explicava a dor de barriga: minha mãe tinha me contado várias vezes como funcionava a menstruação — que teve que chegar bem no dia em que estava usando calça de moletom branca.

Fui de costas até a porta do ginásio e segui até o vestiário com a bunda para a parede. Eu estava toda suja de sangue, não sabia que perderia tanto assim, minha calcinha parecia a cena de um crime. Limpei tudo do jeito que pude e usei algumas folhas de papel higiênico como proteção, mas logo vi que não seria suficiente, então achatei bem o rolo com as mãos e o coloquei dentro da calcinha.

Caminhei como um caranguejo o dia todo, o casaco amarrado na cintura, acho que ninguém percebeu nada. Preciso pedir para Anna comprar absorventes.

Beijinhos, Marcel.

Lily

P.S.: pode ser que não seja a menstruação, mas uma hemorragia cerebral saindo por baixo, por causa da bolada na cabeça, e pode ser que amanhã esteja morta.